****

**GUIÃO PARA A CELEBRAÇÃO | 3.º DOMINGO DO ADVENTO B 2020**

****

# **Ritos Iniciais**

# **Monição inicial**

# P. *Todos irmãos. Todos de casa!*

# Pode ser que não venham a estar todos os irmãos *em casa*, neste Natal que se aproxima. Pode ser que estejam muitos *em casa* e não sejam ainda *de casa*. Pode ser que a proximidade física não signifique comunhão pessoal. E pode ser que o distanciamento físico promova uma proximidade real, que contagie de amor e torne real e viral o nosso Natal. João Batista está aí, a lembrar-nos que a proximidade não se mede aos palmos e que é preciso endireitar o caminho do Senhor, seguindo a Estrela que para lá nos guia.

# João Batista não quer ser a Estrela *comercial* deste Natal. Não tem vocação para vedeta, nem sequer se acha um profeta. Não se tem na conta de salvador da pátria, nem tem a pretensão *salvar o Natal* de 2020.

# Este enviado de Deus não vem para ficar e reclamar o seu lugar na história. Vem para preparar e dar lugar ao verdadeiro Messias e Senhor: Jesus Cristo.

**Gesto simbólico 1 (em torno da Estrela de dez pontas)**

Uma imagem com seta

Descrição gerada automaticamente

*Sobre o altar, sobre o presépio, ou noutro lugar da igreja, pende uma Estrela de 10 pontas. Em cada domingo, festa ou solenidade, colocamos uma das 10 palavras-chave. A palavra-chave de cada celebração pode já estar afixada ou pode afixar-se enquanto se faz a monição. Este gesto pode ser feito depois da monição inicial ou no final da homilia.*

# Leitor / Monitor:

# Neste 3.º domingo do Advento, colocamos na Estrela da Fraternidade a palavra **PROXIMIDADE***.* Aproximemo-nos de quem precisa: em casa, no trabalho, na escola, nos transportes, conhecidos e desconhecidos. Neste domingo da alegria, aproximemo-nos dos outros com um sorriso; estejamos mais atentos a quem vive aflito e com poucos motivos para se alegrar. Porque nós temos um motivo muito forte para sorrir: Jesus, o Libertador, que Se aproxima de nós e não nos abandona na pobreza, na aflição.

*Enquanto se coloca a palavra PROXIMIDADE no terceiro losango da Estrela da Fraternidade, pode entoar-se uma antífona do Advento ou retomar o refrão do cântico de entrada.*

*Antífona: Ó Estrela do Oriente, caminha à nossa frente. Guia-nos ao encontro do Salvador! Aleluia! Vem, Senhor. És de casa, para sempre. Faz-nos todos irmãos, no Teu Amor. Aleluia! Aleluia!*

**

**Gesto simbólico 2 (em torno da coroa do Advento)**

*Em alternativa, ou de forma complementar ao 1.º gesto simbólico, pode acender-se a 3.ª vela da coroa do Advento, acompanhando este gesto com estas três preces, que constam da proposta diocesana da Liturgia Familiar para este 3.º domingo do Advento:*

P. Ao acendermos a 3.ª vela da coroa do Advento, pedimos-Te:

Jesus, lava-nos das nossas faltas,

– para Te recebermos no meio de nós.

Endireita os nossos caminhos,

– para Te recebermos no meio de nós.

Concede-nos o dom da fé,

– para Te recebermos no meio de nós.

**Ato Penitencial** (pode ser cantado – cf. pp. 14-16 deste guião)

P. Preparemos o nosso coração. Invoquemos o perdão do Senhor.

P. Senhor, que nos visitais na força do Espírito com a Boa Nova da alegria: R. Senhor, tende piedade de nós! (ou) Senhor, misericórdia.

P. Cristo, Ungido de misericórdia, que vindes curar os corações atribulados: R. Cristo, tende piedade de nós! (ou) Cristo, misericórdia.

P. Senhor, que viestes inaugurar o ano sem fim, da liberdade e da graça:

R. Senhor, tende piedade de nós! (ou) Senhor, misericórdia.

P.Deus Todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

R. Ámen.

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

* 1.ª Leitura: Is 61, 1-2a. 10-11
* Salmo: Sl Lc 1, 46b-48. 49-50. 53-54
* 2.ª Leitura: 1 Tes 5, 16-24
* Aclamação ao Evangelho: Is 61,1; cf. Lc 4,18
* Evangelho: Jo 1, 6-8. 19-2
* Homilia: Proximidade do Natal e Natal de proximidade

**Homilia no III Domingo do Advento B 2020**

**1.** O recado de João Batista é muito breve: *Ele está próximo*! E a mensagem é clara: para O acolher, “*endireitai o caminho do Senhor*”, mudai de rota, reorientai os vossos passos, redefini a vossa meta, deixai-vos guiar pela *Estrela da Fraternidade*. Ela conduzir-vos-á ao encontro do Senhor, que vem acampar no meio de vós. Se Ele está próximo, então aproximai-vos d’Ele. E aproximar-vos-eis do Seu Natal, seguireis o caminho direito, que vai direto ao Presépio, se esta proximidade do Natal vos tornar próximos de todos os vossos irmãos e irmãs.

**2.** Por isso, a palavra-chave, para *endireitar o caminho* e seguir a rota da Estrela, nesta terceira semana, é a **PROXIMIDADE**. E esta proximidade é concreta e pessoal: proximidade atenta aos de casa, ao vizinho do lado (cf. FT 51), ao colega de trabalho, aos donos da loja do comércio local, ao proprietário do restaurante ou aos empregados do centro comercial. A todos “*os corações atribulados*” por esta pandemia da solidão, da incerteza, do luto, da pobreza súbita, do desemprego galopante; a todos os idosos “*cativos*” há mais de 9 meses em nossas casas e nos nossos lares, aos prisioneiros das cadeias ou presos nas camas dos hospitais, é preciso levar a Boa Nova do Natal. Cuidemos, pois, da fragilidade de cada homem, de cada mulher, de cada criança, dos exilados ocultos (deficientes e idosos) (cf. FT 98), com a mesma atitude de proximidade do bom samaritano (cf. FT 79). O termómetro da proximidade é a nossa atenção aos últimos, aos pobres. Esta proximidade já é anúncio da Boa Nova aos pobres. Assim, já não diremos “*quem é o meu próximo*”; porque “*eu próprio me tornarei o próximo dos outros*” (FT 81).

**3.** Estareis a pensar: mas que proximidade poderemos viver neste Natal, se nos aconselham um distanciamento físico até com os de casa? A pandemia tem forçado muitos lutos relacionais, mas também reinventou formas de proximidade. Permite que te deixe *três sugestões*:

**3.1.** Mantém a distância física do teu irmão, da tua irmã, não para te afastares dele ou dela. Não. Dá menos um passo, para assim lhes dares mais espaço. Assim, criarás uma distância que aproxima. A solidão e a proximidade não se medem aos palmos.

**3.2.** Se não podes tocar o teu irmão, a tua irmã, reaprende o valor da saudação, o estímulo de um cumprimento, a incrível força de um sorriso ou de um olhar. Podes abraçar sem estender os braços, na hospitalidade e no cuidado dos outros. Precisas de proximidade e de distância. Lembra-te: nasceste de uma grande proximidade física, mas precisaste de distância para crescer. Uma pede a outra.

**3.3.** Se não podes sair de casa ou falar com determinada pessoa de forma presencial, reaprende a seres *de casa*, a habitares o teu espaço, não vá que estando sempre com muitos te esbarres neles; torna-te próximo dos irmãos através da palavra, da oração, de novas formas de comunicação. Usa as redes sociais não apenas como divertimento ou evasão, mas como canais de presença, de solicitude e de escuta.

**4.** Por fim, deixa que te diga: se este ano não podes passar a consoada com aqueles com quem desejarias partilhar a mesa e a alegria familiar, não penses que te roubaram o Natal. Não podes mesmo adiar o Natal para outro ano. Vive a graça deste Natal, em novos formatos, em novas linguagens; talvez mais próximo do próximo do que aqueles Natais, porventura cheios de gente ausente, que está em casa sem ser *de casa*. Sente-te solidário com tantas pessoas, que já passaram, passam e hão passar tantos Natais a cuidar ou a ser cuidadas em lares, hotéis, hospitais, tantas pessoas que estão, na noite de Natal, em postos de vigia, de transporte, de segurança, a garantir serviços essenciais.

**5.** O Natal está próximo. Faz-te próximo do Natal. A proximidade com os teus irmãos e irmãs é, pois, a melhor forma de contágio positivo, para que este Natal aconteça e se torne viral! *Todos irmãos. Todos de casa!*

**Credo**

P. Credes em Deus, o Todo-Poderoso, Deus da Paz, fiel à Promessa, cujo nome é Santo? R. **Sim, creio.**

P. Credes em Jesus Cristo, o Messias, o Ungido do Espírito Santo, a Luz verdadeira, de que deu testemunho João Batista? R. **Sim, creio.**

P. Credes no Espírito Santo, que santifica todo o vosso ser, espírito, alma e corpo? R. **Sim, creio.**

P. Credes na Igreja, Esposa de Cristo, enviada pelo Espírito Santo a anunciar a Boa Nova aos pobres, a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros?

R. **Sim, creio.**

P. Credes na vida eterna, na ressurreição dos mortos e na última vinda de Cristo, Salvador? R. **Sim, creio.**

**Oração dos Fiéis**

P. Porque somos chamados a *orar sem cessar*, confiemos as nossas preces ao Senhor, que é fiel e cumprirá as suas promessas. Invoquemo-l’O, cantando | rezando:

R. 1 (se for cantada): **Vem, Senhor, és de casa para sempre! Faz-nos todos irmãos no Teu Amor.**



R. 2 (se for rezada): **Vem, Senhor. Faz-nos todos irmãos no Teu Amor.**

1. Porque muitas vezes, na nossa Igreja, não vivemos a alegria perene e contagiante do Evangelho, nem a doce e reconfortante alegria de evangelizar, pedimos-Te: R.
2. Porque muitas vezes, no governo da nossa Casa Comum, não nos debruçamos diante de quem precisa, passamos ao lado distraídos ou aceleramos o passo para nos distanciarmos, pedimos-Te: R.
3. Porque muitas vezes, na luta contra a pandemia, ignoramos a entrega e a fadiga de tantos cuidadores, como se não fôssemos todos responsáveis por todos, pedimos-Te: R.
4. Porque muitas vezes somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis da sociedade, pedimos-Te: R.

P. Senhor, ao aproximar-se o Natal do Teu Filho, nosso Irmão, faz-nos próximos de todos, para que, em qualquer lugar e em qualquer companhia, sejamos *todos irmãos e todos de casa.* Por N.S.J. Cristo…

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Cântico de ofertório | Prefácio do Advento II | Oração Eucarística** **II** | **Ritos da Comunhão**

***Recomendações para a Comunhão*** *(cf. folha plastificada)*

**Ritos Finais**

**Avisos (atualizar)**

1. Paróquia preparou uma máscara para o tempo de Natal, com o grafismo da caminhada. Dê a cara pela iniciativa.
2. Na quarta-feira, dia 16 de dezembro, pároco orienta *Lectio Divina*, leitura orante da Bíblia. Será feita via zoom, às 21h30. Os interessados devem enviar um *e-mail* para a paróquia, pedindo o *link*, para acederem à reunião.
3. Horários das Missas

***Recomendações depois dos avisos e antes da despedida***

*(cf. folha plastificada)*

**Bênção final**

**Despedida**

**Oração para a bênção da mesa | III Advento b 2020 | 13.12.2020**

Guia: Bendito sejas, ó Pai, pela alegria desta refeição que vamos partilhar. Sacia-nos também com a Tua Palavra de Vida, por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.



**Paróquia de Nossa Senhora da Hora**

**III Domingo do Advento B 2020**

****

**ATO PENITENCIAL | ADVENTO B | PROPOSTA SDL PORTO**

Depois das palavras “*Irmãos, para celebrarmos dignamente estes santos mistérios reconheçamos que somos pecadores”* ou similares, seguidas do silêncio recomendado, prossegue o Ato Penitencial na forma III. Os tropos aplicam-se a cada domingo do Advento, conforme a numeração, sendo que também foram elaborados tropos para a Imaculada Conceição. No fim de cada tropo aplica-se uma das invocações apresentadas: *Senhor, tende piedade de nós* ou *Senhor, misericórdia* ou *Kyrie Eleison.* O Ato Penitencial conclui com a absolvição dita pelo presidente: *Deus Todo-poderoso....*





****

**OUTRAS HOMILIAS**

**DO III DOMINGO DO ADVENTO B**

**1993 – 2017**

**Homilia no III Domingo do Advento B 2017**

1. *Homem livre*, João Batista não se põe em bicos de pés, nem quer ser a *Estrela da Companhia*! Ele é o precursor e o apresentador de Jesus. Mas não quer que incida sobre ele a luz dos holofotes, que o podiam cegar de orgulho e vaidade. Ele retira-se e apaga-se, para que brilhe sempre e cada vez mais a Estrela Maior, o Sol Nascente, Cristo, nosso Deus. João Batista não quer ter luz própria; quer apenas refletir a luz verdadeira, que vindo a este mundo ilumina todo o homem: a luz de Cristo (*Jo* 1,9), a luz que é Cristo! Nisto está a sua liberdade inteira, a liberdade de um homem desapegado dos seus bens e dos seus pergaminhos, livre dos títulos de honra ou das manchetes da imprensa cor-de-rosa, livre das etiquetas sociais, das condecorações e das promoções de carreira. “*Que Jesus cresça e eu diminu*a” (*Jo* 3,20), disse João Batista, que não se quer substituir a Jesus. Por isso, diante daqueles que procuram saber dele, João Batista não ousa sequer dizer “*Eu sou*”, porque isso só Deus disse de Si mesmo (*Ex* 3,14) e só Jesus, o Filho de Deus, o dirá de Si próprio. João Batista não é o Messias, não é Elias, não é o Profeta. Não é a Palavra; é a voz no deserto. Não é a Luz; é apenas «testemunha» *d’Aquele que está no meio de nós* e deve estar no centro de todas as atenções: Jesus!

2. Irmãos e irmãs: está a aproximar-se o Natal do Senhor. E este testemunho de João Batista vem libertar-nos do *narcisismo*, desta posse «*do meu Natal*», para não cairmos na tentação de fazer da festa do Natal uma «*selfie*» dos nossos desejos e caprichos. João Batista vem dizer a cada um: “*Não é o teu Natal que estás a celebrar, é o Natal de Jesus. A Estrela do Natal não és tu! Não és tu que fazes anos. É Jesus, o Filho de Deus, dado e enviado pelo Pai a este mundo, na plenitude dos tempos. Abaixa-te, pois, para te reclinares diante d’Ele! Diminui o volume da tua voz e a intensidade do brilho da tua fotografia…. e deixa que este seja o Natal de Jesus, e não o teu Natal. Não és tu o Messias, o Salvador. Não é tua a última Palavra do Amor. Descalça então as sandálias. E debruça-te sobre este Deus, que veio a este mundo, para te salvar*. *E então sim faz do Natal de Jesus o Natal que acontece em ti, para que se torne Natal de Jesus nos outros, para os outros, com os outros*”.

3. Em vez de um «*autonatal*», levemos à cena deste mundo um verdadeiro “*auto de Natal*”! Isto é, em vez do “*meu Natal*”, de mais uma festa *autorreferencial,* centrada em mim mesmo, procuremos ser *arautos do Natal de Jesus*, no anúncio público, feliz e corajoso da sua vinda até nós. Mas sobretudo, sejam um “*auto de Natal”* os gestos livres e libertadores do amor concreto a cada pessoa, do outro, que goza de prioridade sobre mim. Nesta semana não tenhamos medo, nem vergonha, de firmar e afirmar a liberdade de expressão da nossa fé na esfera pública. Realizemos um sinal de pública manifestação de fé, fazendo, por exemplo, um *anúncio público do Natal de Jesus*, sinalizando-o em presépios, que podem ser colocados em espaços públicos, ou tornemo-nos arautos do Natal, através do envio de mensagens e de publicações explícitas nas redes sociais. Aos mais familiarizados com as novas tecnologias, desafio a criarem um *pequeno filme*, de modo que possa chegar a todos o mais simples e o mais comovente anúncio de Natal: *«Deus ama-te! Cristo veio por ti. Para ti Cristo é Caminho, Verdade e Vida»* (São João Paulo II, CFL, 34)! Pode ser este o nosso *tweet*, um simples *piar* da alegria inefável do Natal que está a chegar!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2014**

*“No meio de vós está Alguém que não conheceis” (Jo.1,26)!*

**1.** É a resposta desconcertante de João Batista, aos que procuravam saber se era Ele o Messias esperado, o Elias prometido ou o Profeta anunciado! João Batista coloca-os noutra direção: devem procurar o Messias, no coração da cidade, no meio da vida quotidiana, pois “*no meio de vós está Alguém que não conheceis*”**…**

**2.** Também nós, como diz o Papa Francisco, **“***precisamos de identificar a cidade a partir de um olhar de fé, que descubra Deus, que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus* ***acompanha*** *a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida”.* E o Papa assegura: “*Deus vive entre os citadinos, promovendo a solidariedade, a* fraternidade*, o desejo de bem, de verdade, de justiça”* E adverte-nos: *“****Esta presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada****. Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero*” (EG 71).

**3.** Estamos afinal em santa companhia! Não precisamos sequer de a criar, mas somente de a desvendar. À Igreja, a cada um de nós é pedido, portanto, que saiba acompanhar as pessoas e grupos, na sua busca de Deus! E essa busca de um sentido profundo e religioso da vida também se manifesta na sua luta e labuta diária, onde quase não há tempo para respirar ou rezar! É preciso, pois, sair ao encontro das pessoas, “*para um diálogo parecido com aquele que o Senhor teve com a Samaritana, junto do poço, onde ela procurava saciar a sua sede*” (EG 72). É preciso que este diálogo paciente sirva “*para avaliar tudo, conservando o que for bom*”, e, deste modo, ajude a desvendar a presença de Deus, que se esconde na trama da vida. Precisamos de aprender esta “*arte do acompanhamento, a descalçar as sandálias, diante da terra sagrada do outro*” (EG 169), abaixando-nos com humildade, aproximando-nos com gentileza. Somos chamados a servir *“um diálogo difícil*” (EG 74). Mas não deixemos de “*dar ao nosso caminhar juntos o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã*” (EG 169).

**4.** Este é pois, o desafio principal desta 3ª semana: **acompanhar**. Uma Igreja em saída “*acompanha a humanidade, em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam*” (EG 24). É muito importante, no âmbito da família e da cidade, saber oferecer companhia a quem está só, gastar tempo com quem precisa de ser escutado, dar oportunidade às pessoas de exprimir as suas dúvidas e convicções, o que sentem, o que pensam, o que vivem. E devemos fazê-lo, sempre, sem pressas, ***“****no respeito pelas etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia*” (EG 44).

**5.** Tudo isto “*exige muita paciência*” (EG 24); que saibamos renunciar às nossas urgências, alterar a nossa agenda, dar o nosso tempo, criar espaços “*para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho*” (EG 46) da vida. Numa cidade, em que “*as casas e bairros se constroem mais para isolar e proteger, do que para unir e integrar*” (EG 75), saibamos nós curar as feridas, construir pontes, estreitar laços e ajudarmo-nos mutuamente” (EG 67). Saiamos, acompanhemos e mostremos aos nossos companheiros de busca e de caminho “*Aquele que está no meio de nós*” e que, porventura, ainda desconheceremos!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2011**

«*O Deus da Paz vos santifique totalmente, para que todo o vosso ser – espírito, alma e corpo – se conserve puro, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo*» (I Tes.5,23)!

**1.** Deus não nos quer a meias! Não nos quer, por partes. Quer-nos inteiros, *de corpo e alma*, bonitos por fora, belos por dentro. Ele quer que todo o nosso ser, carne e espírito, corpo e alma, das mãos aos pés, dos pés à cabeça, da cabeça ao coração, se conserve puro, isto é, capaz de amar e de ser amado! E todo o nosso ser é puro, quando transparece a beleza e a santidade do amor de Deus! Na pessoa humana, este amor é, ao mesmo tempo, espiritual e carnal, “*abarca o corpo e o corpo exprime o amor espiritual*” (*Familiaris Consortio*, 21). Por outras palavras, não há nada na linguagem corporal, da afectividade e do amor, que, ao tocar o corpo, não toque também a alma! Temos de o saber: “*Nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é a pessoa, que ama, no seu todo, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando corpo e alma se fundem numa unidade, é que a pessoa se torna plenamente ela própria*” *(Bento XVI, DCE 5).*

**2.** Assim, por exemplo, as palavras, os sentimentos, os desejos, e quaisquer gestos de ternura, devem sempre comunicar a verdade inteira do amor humano e transparecer a beleza do amor divino! Um gesto de carícia, um beijo, o contacto com o corpo de alguém, significa também e sempre tocar a própria alma do outro, fazer vibrar as cordas do nosso coração, numa aproximação que nos afecta totalmente.

**3.** A pureza de coração, a chamada «*castidade*», é, no fundo, o amor que anda de mãos dadas com a verdade! “A castidade – uma palavra “*maldita*” do nosso tempo – não pode ser vista como “corte” e “castigo”, mas como *«educação e treino para superar toda a mentalidade de tipo apropriador e dominador, em relação a outra pessoa. Opõe-se frontalmente àquela mentalidade, que tende a usar e abusar de todas as coisas, como se fôssemos únicos donos de nós mesmos, do nosso corpo, e das nossas pulsões, e também das pessoas e do mundo que nos rodeia»* (Carlo Maria Martini). A santificação de todo o nosso ser, «*espírito, alma e corpo*», implica, portanto, que todas as palavras e gestos da nossa afectividade “*devam ser orientados, elevados e integrados pelo amor, que é o único a torná-los verdadeiramente humanos*”. Rui Veloso canta uma bela música, onde diz: *“Amar é o verbo revelado / Pela boca da divindade / Só deve ser invocado / Em caso de necessidade! (…) Não invoquem o amor em vão / É pecado, como deitar fora o pão /”.* Eu não diria melhor, para falar de «pureza de coração», do domínio de si ao dom de si.

**4.** Esta pureza de coração, de intenções e actos, exige, portanto, uma limpeza diária, uma atenção constante. Por isso, a segunda palavra desta semana é «*revisão de vida*», dos pensamentos, das palavras, dos actos e omissões**.** Era isso que São Paulo recomendava quando nos dizia: «*Avaliai tudo e guardai o que for bom*». Aprendamos, pois, a fazer o “*exame de consciência*” diariamente, ao deitar, e antes de adormecer, para chegarmos a esta séria revisão de vida e examinarmos a nossa vida no amor. Pais e filhos podem ajudar-se mutuamente, colocando algumas perguntas, no silêncio do quarto, para responderem, cada qual, diante de Deus.

**5.** Irmãos e irmãs: Deus, que vem até nós, não é apenas uma pessoa importante! Ele é tudo. E, por isso, pede-nos tudo: *espírito, alma e corpo*. E só quando Deus é tudo em nós, é que todo o nosso ser se torna puro! Eis então duas palavras a gravar esta semana: pureza e revisão de vida. São atitudes do coração, que nos ajudam a construir a família, sobre o alicerce sólido do amor e da comunhão!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2008**

***“Vivei sempre alegres!”*** (I Tes.5,16)

**1.** O mercado organiza-se, a todo o vapor, para nos vender, no meio da crise, a poção mágica da alegria. Movimento, boas palavras, promoções antecipadas, sorrisos artificiais, em todo o tipo de natais. Mas um passeio atento, pelo coração da cidade real, faz-nos ver o outro lado da rua. A rua da melancolia, de um certo desencanto e cansaço vencido. Disso é testemunho uma antiga melodia espanhola que cantava assim: ***"Moro no número sete, Rua da Melancolia / Quero mudar-me há anos para o bairro da alegria / Mas sempre que tento, já partiu o transvia; /E na escadaria me sento, a assobiar a melodia"*** (Joaquín Sabina). O que sobra, por aí, em prazer empacotado, vendido e comprado, falta-nos em graça e alegria!

**2.** Espanta-nos, por isso, o tom solene e imperativo, de São Paulo: «**Vivei sempre alegres»**! Se já nos parece tão difícil desfrutar a graça de alguns momentos de alegria, este desafio a *viver sempre alegres*, parece-nos uma ousadia insensata! Todavia, o Apóstolo sabia bem o que estava a dizer! Ele trazia e conhecia, no próprio corpo, as marcas de Jesus, sabia das agruras da tribulação, das dores e perigos de uma vida tão sofrida! Por certo, São Paulo estará a desafiar-nos então para uma outra alegria. Não uma alegria exterior e banal, não uma alegria superficial e divertida, a reboque dos copos da vitória ou da derrota, da sorte ou do azar, da morte ou da vida, da saúde ou da doença, da boa ou da má disposição, do sucesso ou do fracasso. Não. Tamanha alegria, que dura e perdura, para lá dos nossos humores, só pode brotar como milagre da graça, na nossa alma vazia!

**3**. Significativamente, ouvíamos na primeira leitura, este hino de louvor: «*Exulto de alegria por causa do Senhor, minha alma rejubila, por causa do meu Deus*» (Is.61.10). Numa palavra: “*a verdadeira fonte da alegria é a certeza de sermos amados por Deus, com um amor apaixonado e fiel, um amor maior que as nossas infidelidades e pecados, um amor que perdoa*” (Bento XVI). Sim, é Deus a causa única, primeira e última, da nossa alegria. Toda a alegria, que se dá fora dele, ou sem Ele, não satisfaz. Pelo contrário, arrasta a pessoa para um redemoinho, no qual não pode estar verdadeiramente contente. Nenhuma alegria resiste sempre, se vier a apoiar-se em coisas que, de repente, nos podem ser tiradas ou destruídas. Ao *dizer «vivei sempre alegres*», Paulo diz-nos: «*Alegra-te sempre, porque Deus te ama sempre! A grande alegria vem do facto de existir este grande Amor de Deus, por ti. Tu és alguém que és indefectivelmente amado (a), criado e redimido por Ele. E isto está estabelecido para sempre*”! Esta é realmente *«a Boa Nova*», que nos enche da perfeita alegria! É uma alegria que existirá e subsistirá, mesmo nas circunstâncias de uma vida difícil. Aliás, só este fio de alegria torna possível atravessarmos com serenidade, coragem e grandeza, os momentos mais obscuros do coração e da vida. Precisamos desta alegria de viver, que só a fé nos pode dar!

**4.** Meus queridos irmãos, minha alegria e minha coroa: Se a fé nos introduz nesta confiança do amor de Deus, que permanece e prevalece, sobre todas as coisas, então é urgente revestir de alegria a nossa fé!Sente-se, hoje, entre os cristãos, sobretudo na Europa, um bafo de tristeza, uma triste monotonia, sintomas de um certo cansaço da fé. Ora a fé só pode dar alegria! Uma fé sem alegria, é como uma vela apagada. Sem a alegria, não há luz, no teu olhar! Ora “*a candeia do teu corpo são os teus olhos. Se os teus olhos estiverem sãos, todo o teu corpo estará iluminado.**Examina, pois, se a luz que há em ti não é escuridão.**Se todo o teu corpo está iluminado, todo ele será luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu fulgor*” (Lc.11,34-36; cf. Mt.6,22-23).

**5.** A santa da escuridão, como Madre Teresa gostaria de ser conhecida,disse-nos um dia: **“**Não há melhor maneira de manifestar a nossa gratidão a Deus e aos homens do que aceitar tudo com alegria. Um coração ardente de amor, é necessariamente um coração alegre”. Por isso, “não deixes nunca que a tristeza se apodere de ti, ao ponto de te fazer esquecer a alegria de Cristo, que nasceu e deu a vida por Ti.Continua a dar Jesus aos outros, pelo amor que Te une a Ele. Que a tua força não seja outra, que a alegria de Jesus. Vive feliz e em paz. Aceita tudo o que Ele dá, e dá-Lhe tudo o que ele toma de ti, sempre com um grande sorriso”. E agora digo-te eu: “Vá lá. Ri-te um pouco. Ri-te um pouco mais, para todos vermos a luz de Cristo, no teu olhar! Exulta de alegria! O Senhor está perto de ti!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2005**

1. Em tempo de Advento, a Palavra tem a sua voz. É João Baptista? Ele não é Elias, não é nenhum profeta reaparecido! Ele é a voz! *A Voz daquele que clama no deserto*: *preparai os caminhos do Senhor!*

Ele não é a Palavra. Ele é simplesmente uma *voz de fogo*, transformada pela Palavra, que lhe faz arder o coração por dentro! Essa Palavra, é como uma espada de dois gumes, a cortar a eito, como quem rasga caminhos novos, à maneira de Isaías, para o encontro com Aquele que há-de vir!

2. João Baptista é a voz. N’Ele a Palavra faz-se ouvir. Mas João Baptista é também «testemunha». Nele a Palavra faz-se ver. Nele a Luz da Palavra é farol dos passos. Essa Luz brilha nele e faz-se brilhar nos outros. Ele não era a Luz! A Palavra, que é farol dos passos e Luz dos Caminhos. Ele veio para dar testemunho, para «mostrar» o esplendor dessa Luz!

Assim caríssimos irmãos, temos em João Baptista uma referência de valor, para a palavra. A Palavra de Deus, precisa de uma voz que a faça ouvir. E precisa de um testemunho que a faça ver. João Baptista anuncia e mostra, prega e demonstra, faz ouvir e faz ver. É por isso um belíssimo modelo de anúncio e de testemunho da Palavra de Deus.

3. Como disse João Paulo II, os homens do nosso tempo, não querem apenas ouvir falar de Jesus (NMI 16). De certo modo, querem que Lho façamos ver! No caso de João Baptista, este testemunho não podia ir mais longe. Ele acabou por ser mártir, pela fidelidade à Palavra que anunciava. O seu testemunho foi até ao martírio; o martírio é, de facto, a forma de testemunho por excelência. *“Os mártires anunciaram o Evangelho dando a vida por amor.* *O martírio é a forma mais eloquente da verdade da fé” (Inc. Myst. nº 13).*

4. Quer dizer, pelo martírio, Deus fala mais alto; a sua Palavra faz-se gesto eloquente, gesto que todos sabem ler e entender. É a prova extrema do amor, que vai até ao fim. Dizia-nos Paulo VI, que os homens do nosso tempo, são mais sensíveis aos Testemunhos, que aos Mestres. E se ouvem os Mestres, é porque primeiro deram Testemunho! Dito de outro modo, os homens de hoje precisam não tanto que lhes “fale de Jesus”, mas que lho façamos ver!

5. Na proximidade do Natal, somos também chamados a acolher Jesus. E a acolhê-lo na sua Palavra! Não se pode receber Jesus e não acolher os seus ensinamentos. Neste Advento, consagrado à Palavra, não esqueçamos estas duas coisas elementares: a Palavra de Deus precisa de uma voz, para se fazer ouvir. Mas precisa ainda mais de um testemunho para se fazer ver. Todas as nossas mensagens de Natal serão ocas, se os nossos gestos não falarem mais alto!

**Homilia no III Domingo do Advento B 2002**

**1.** Três vezes que «**não**». «**Não sou**», respondeu João Baptista: *Não sou o Messias. Não sou o Elias. Não sou o Profeta (Jo.1,19-28)*. João não é a Palavra. É apenas a Voz. Não é a Luz. É apenas a testemunha. Não é o Salvador. É apenas o Baptista. Para se saber quem é afinal João, é preciso olhar para Outro, para Jesus. Fora de Jesus, João não é nada… nem ninguém. É em Jesus, que João se compreende e se encontra a si mesmo. É na relação com Jesus, que se define a sua identidade, a sua vocação e a sua missão. João não se entende a partir de si mesmo, do que pensa, ou do que faz. Toda a sua pessoa, se projecta noutra, em Jesus precisamente, no qual Ele é, se vê e se revê. E por isso, João é tanto mais, quanto mais deixa de ser ele mesmo, para fazer ser e aparecer Jesus de Nazaré.

**2.** «**Que eu diminua e Ela cresç*a***», dirá João, a respeito da sua relação com Jesus. Ele não precisa de se pôr em bico de pés, para se afirmar, para ser e parecer alguém. João, ao contrário, diz sempre «*não ser*», quando o mais comum é que toda a gente queira ser, parecer e, hoje pior que tudo, «aparecer», mesmo que para isso tenha de esmagar e fazer desaparecer o outro. Ora ninguém é pessoa, se impede que o outro seja. Porque ninguém se entende a si mesmo, sem o Outro. É no outro que se reflecte a imagem real do que sou.

**3.** Por isso, é preciso aprender a «**perder-se**» no outro, a dar-se ao outro, a morrer para o outro, para que cada um chegue a ser verdadeiramente pessoa, a ser alguém. A relação com o Outro não é algo que se acrescenta a partir de fora de mim… A relação com o outro é algo que me constitui como pessoa e define o meu próprio ser. E por isso, não devemos temer esta atitude de se diminuir ou apagar, este «desaparecer» ou dar-se, como ameaça àa nossa própria existência pessoal. Está aí, nesse amor que sustenta o outro, a verdadeira afirmação da minha pessoa. Em João Baptista, essa humildade engrandece-o. Ele cresce, diminuindo-se. E é por isso que Jesus o considerará, e muito justamente, «*o maior entre os filhos de mulher*» (Mt.11,11).

**4.** Claro está que isto é completamente ao avesso da lógica do nosso pensamento (pós) moderno. Fomos educados e somos estimulados a fazer valer o que somos, o que temos e o que sabemos. Somos desafiados a firmarmos e a afirmarmos o que somos, no domínio e na superioridade sobre os outros. Mas isto é precisamente o contrário do que é ser **pessoa**. Até no seio da Santíssima Trindade, cada Pessoa habita e tem a sua sede própria, nas outras. «*Eu estou no Pai e o Pai está em Mim*» (Jo.14,11), dirá Jesus. De tal modo, que cada um de nós, criado à imagem e semelhança deste Deus, que é relação de amor, deverá também dizer: «*Eu sou em Ti e Tu és em Mim*». Não sou sem Ti. Preciso de ti, parar ser quem sou. Existo como pessoa, porque me dou a ti. Vejamos, bem no concreto: Sou Pai, na medida em que te faço ser e crescer como Filho. Sou Marido, tanto mais quanto mais te faço ser e crescer como Esposa. Sou Professor, enquanto te faço ser e crescer como aluno. Sou Padre, porque vos faço ser e crescer como filhos de Deus. Sou tudo isto, tanto mais, quanto menos sou «eu».

**5.** Esta vivência da **humildade do nosso ser**, que se apaga, para brilhar, no ser do outro, aproxima-nos bem do mistério do Natal. Em que Deus se faz a este mundo, «*desfazendo-se*» da sua glória. Em que Deus aparece diante dos homens, fazendo «desaparecer» a sua grandeza, na humildade de um Menino. Esta devia ser a lógica deste tempo. E começaria, na prática, por ensinar os mais pequeninos a não pedir tanto para si… a não viver tanto, a partir dos seus interesses e fantasias. E ensinar aos mais velhos a partilhar a beleza do amor, a fazer a belíssima experiência de ver brilhar nos outros, a alegria que se esconde no coração de quem se dá. Mas esta é uma reflexão provavelmente indigesta, para quem se multiplica em ceias de Natal. Uma proposta talvez fora de tempo, para quem não se apercebeu que afinal ainda estamos em Advento.

**Homilia no III Domingo do Advento B 1999**

“*O Senhor do Senhor, está sobre mim, porque o Senhor me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os corações feridos, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros, a promulgar o ano da graça do Senhor*”.

**1.** É a trombeta do Jubileu que ressoa, feliz, pela boca do profeta Isaías. É o pregão do Jubileu a doze dias da abertura da Porta Santa. Depois de uma semana de sete duros e longos anos, anuncia-se um ano inteiramente «de graça». O ano jubilar, que dará pouso à terra e repouso aos homens. Ano da remissão dos pecados e do perdão das dívidas. Ano do resgate para os escravos e da libertação para os pecadores. É o quinquagésimo ano, o ano da graça do Senhor! Uma espécie de bodas de ouro, para todo o Povo! O Jubileu marca o regresso de muitos à terra prometida da liberdade. E celebra o ponto de reencontro de irmãos, na mesma terra da fraternidade. O Jubileu, de 50 em 50 anos, faz tábua rasa de montes e muros a separarem ricos e pobres, judeus e estrangeiros, aliados e inimigos. Israel faz-se campo da igualdade. Para os pobres, é a oportunidade esperada; o Jubileu da Caridade, prometida e devida. Para os escravos, a hora desejada: a Libertação justa e alcançada Para os instalados, a apodrecer na injustiça: a hora da desgraça, há muito anunciada. Eis o Jubileu na Terra, pelos anos de ouro da fraternidade, do perdão, da alegria e da paz. Eis o Júbilo no céu, pela graça da misericórdia, sobre todos, abundantemente derramada, pela vida feliz aos homens oferecida.

**2.** Este é o Jubileu que se cumpre em Jesus de Nazaré, o Libertador. João Baptista adivinhou o dia, e não queria confusões. O Messias é Jesus de Nazaré. Nele, no Messias, se cumpre o tempo esperado. Os pobres alegram-se por nada ter a perder e tudo ter a ganhar com a vinda do seu Reino! Sem apoios, nem defesas, são os mais interessados no tempo novo que lhes é favorável. Os ricos sentem a ameaça dos bens que acumularam!... Maria, sentiu a sua proximidade e cantou de alegria pelo Senhor «que se lembrou da sua misericórdia, derrubou os poderosos de seus tronos; aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias».

**3.** Dizer que temos Jubileu e que esta é uma feliz notícia para os pobres, implica «abrir-lhes as portas do coração», quer dizer, abrir-lhes as mãos. Que sentido terá a peregrinação do jubileu se não nos conduz a Cristo presente nos mais pobres... se em vez da caridade diligente, embarcamos num consumismo desenfreado?... Que sentido têm as lâmpadas acesas nas ruas da cidade, se nos falta o testemunho da Luz, que nos abre os olhos ao próximo... Que sentido... se, de facto, não acautelamos o nosso direito ao «excesso» da festa do ano 2000, com o dever de dar ao próximo o mínimo da sua dignidade? “*Um sinal da misericórdia de Deus, particularmente necessário hoje, é o da caridade, que abre os nossos olhos às carências daqueles que vivem pobres e marginalizados*.” (João Paulo II, Inc. Myst.12).

**4.** «*Sem essa consciência,* - escreveu um pensador não cristão, num diário nacional – o *Natal chegará como uma festa gastronómica ou, como disse um padre desencantado, a festa do tubo digestivo dos que nem sequer meditaram algum dia na pobreza do palheiro onde Jesus nasceu*». E continuava: «O *Advento foi esquecido. É agora a época de marketing, em que o produtor e o comerciante preparam o Natal do lucro e em que o consumidor se deixa cair para assegurar o que pensa que seja a alegria e não passa de um gozo de primatas*”. (Vítor Cunha Rego, *Diário de Notícias* de 30-11-99). Sim, uma espécie de alegria selvagem. Uma alegria que incendeia o desejo e apaga o Espírito. E essa é a alegria que não queremos mesmo. Queremos a alegria do Espírito, que é puro amor em ato! A alegria que recebemos no rosto daqueles a quem damos! Vivei sempre alegres!

**Homilia no III Domingo do Advento B 1996**

*“Não sou o Messias”!* Confessou a verdade e não negou. É João, o Baptista, simplesmente!

1. Ele não é o profeta, nenhum profeta reaparecido! Ele é a voz! A Voz daquele que clama no deserto: preparai os caminhos do Senhor! Ele não é a Palavra, ele não é a Luz. Ele é simplesmente uma voz de fogo, que devora a paz podre de todos os satisfeitos... e corta a eito, como quem rasga caminhos novos, para o encontro com Aquele que há de vir! Ele não é o Messias. Não é o Salvador! Nem o salvador da Pátria, nem o salvador do mundo! Vai simplesmente adiante de quem lhe está à frente! Impressionante, este João Baptista. Solitário, sem casa, sem tenda, sem criados, sem nada de seu, além do que levava sobre o corpo! João, de corpo queimado pelo sol do deserto, de alma inflamada pelo desejo do Reino, é o anunciador, ele é o fogo. No Messias que vai chegar vê ele a sua chama. Chamem-lhe monge, asceta, moralista ou profeta. Chamem-lhe o que quiserem! Mas ele aí está definido pelo evangelho: Ele não era a Luz! Mas veio para dar testemunho da Luz!

2. Às portas do terceiro milénio, a cada passo, é vê-los por aí, armados até aos dentes, de fato e gravata, pasta na mão e um produto a que chamam «salvação» para vender! Descobriram uma nova e inventaram outra Palavra! Iluminados por uma Luz que ninguém viu senão eles, são a salvação do mundo - dizem - profetas deste tempo! No meio da confusão, ainda há quem pergunte: «quem és tu»? - «Somos a sua salvação». Respondem certeiros!

3. Nós, caríssimos amigos, não precisamos de novas novidades. Mas da antiga novidade escondida no arcaz do evangelho, que o pó dos séculos e o medo esconderam! E que urge anunciar com desassombro! Nós não precisamos de revelações extraordinárias, segredos descobertos, novas palavras. Mas da Palavra que se fez Carne e habitou no meio de nós, Jesus Cristo. Nós não precisamos de novos Messias, salvadores que em vez de dar a vida, a pedem, que em vez de se vergarem para desatar as sandálias dos outros, exploram os que a vida atirou para o chão. O nosso Messias é Cristo. O único Salvador do Mundo, ontem, hoje e sempre! Ele sim, é o único Salvador, porque não é simplesmente um Profeta. É Deus. E só Deus pode salvar. Ele é o Único Salvador do Mundo, porque verdadeiramente «Homem». Por isso, n’Ele Deus tocou com a sua divindade este nosso mundo e este nosso corpo e, ao abraçá-los, os redimiu.

4. Nós não precisamos nem esperamos, por isso, outra Palavra, outro Messias, outro Salvador. É de testemunhas que o mundo precisa!... De testemunhas que «viram a Luz do Salvador» e a querem irradiar na escuridão deste silêncio acomodado... Não precisamos de gente iluminada, mas de gente feliz e audaz, destemida e inquieta, para sacudir do marasmo esta cidade, que acorda sempre tarde e a más horas, que fala de mais... mas não tem voz!

Que falta nos faz João Baptista. Ele sim... «Trazia consigo a antiga novidade, era vidente e certo, era profeta no deserto e tinha falas de água pura e de verdade»!

**Homilia no III Domingo do Advento B 1993**

**1. Entre a rua da melancolia...**

Por entre as ruas há luzes e música. Alguns olhares mais presos às montras do encanto deleitam-se no prazer e na ilusão de comprar. Sorrisos artificiais, promessas de felicidade, votos de festas felizes repetem-se até ao limite. O mercado organiza-se para vender a alegria. Aparentemente tudo conduz para aí. Movimento, boas palavras, promessas loucas, sorrisos artificiais. Mas um passeio atento pela Cidade faz-nos ver o outro lado da rua. A rua da melancolia, do desencanto, da amargura, do sonho desfeito... Quer-me parecer que há demasiado prazer sobre a Terra e muito pouca alegria. Tudo facilitado, sem dor, sem sacrifício, o prazer levado ao extremo no comer, no vestir, nos corpos vendidos, nas longas noites de dança e barulho. Mas de alegria, pouco ou nada. Daquela alegria que torna os olhos brilhantes e o rosto sereno, não se vê tanto assim, nem à força de muita luz, música e prazer...O Homem compra o prazer. Mas não atinge o gozo. Tem a sensação mas não encontra a plenitude. Chega à curtição, mas sem experimentar a alegria. Do prazer sobra a amargura. Falta a alegria. Disso é testemunho uma canção espanhola que diz assim: «**Vivo no número sete, rua da melancolia,/quero mudar-me há anos para o bairro da alegria / mas sempre que o tento, já saiu o tranvia,/E na escada me sento, a cantar minha melodia**».

**2.E o «bairro da alegria»...**

Espanta-me por isso o tom imperativo com que São Paulo nos apela: «**Vivei sempre na alegria»**! Não tanto pela alegria em si, que essa a gente vai tendo de vez em quando, mas espanto-me com a exigência de viver «sempre», «sempre» na alegria. Creio que São Paulo sabia muito bem da tristeza de Jesus ao aproximar-se da sua morte. Julgo que São Paulo experimentou a dor e o sofrimento e que até a Ele a morte lhe custava a engolir. A ser assim, o seu desafio é ousado e exigente. Porque não se trata então de uma alegria exterior, de uma alegria superficial, que dependesse da vitória ou da derrota, da sorte ou do azar, da morte ou da vida, da saúde ou da doença, da boa ou da má disposição, do sucesso ou do fracasso. Não. Para viver «sempre» na alegria, esta tem de ser fruto da ação de Deus em nós. *«Exulto de alegria por causa do Senhor, minha alma rejubila por causa do meu Deus».*

**3. Um lugar para Deus, em nossa companhia!**

É Deus a fonte da nossa alegria. É a sua presença em nós o motivo do nosso contentamento. Ele salvou-nos, Ele ama-nos, Ele cuida de cada um de nós, Ele abraça-nos. Íntimo a cada um de nós, sofre com as nossas dores, rejubila com as nossas alegrias. A alegria maior vem desta certeza: o Senhor fixa o seu olhar ternamente sobre cada um. Acolhe, redime e liberta. É esta experiência de Deus na nossa Vida que nos dá alegria, a alegria profunda de sermos salvos por Deus em Jesus Cristo. E esta alegria ninguém nos pode tirar, nem comprar nem vender. É graça e de graça! É essa alegria que encontramos na criança pobre sem jogos de computador, feliz na terra suja que teima remexer. É essa a alegria que se espelha nas pessoas simples que não sofrem desilusões porque nada os ilude. É essa alegria que se vê no rosto sereno e no corpo resplandecente de uma jovem que se «confessou», de uma ofensa que se perdoou, de uma vida que se mudou, de uma Luz que se acolheu. Para as festas que se aproximam, busquemos na rua da melancolia um lugar para a alegria. Talvez seja preciso calar outras vozes, procurar outra Luz. Haja alegria! Porque o Senhor aí está! Em nossa companhia!